

**A FUGACIDADE DO TEMPO
E A BREVIDADE DA VIDA
COMO TEMA DOS CLÁSSICOS**

Amós Coêlho da Silva (UERJ)
amosc@filologia.org.br

INTRODUÇÃO

O drama da *fugacidade do tempo*, e conseqüentemente a *brevidade da vida*, tem como sua inexorável causa a morte. Epicuro, filósofo grego, (341-270 a. C.) propôs sentenciá-la assim: *Habitua-te a pensar que a morte nada é para nós, visto que todo o mal e todo o bem se encontram na sensibilidade: a morte é a privação da sensibilidade* (Civita, 1985, p. 13). O princípio de sua filosofia era o prazer, ‘hedoné’, mas um desejo que se satisfizesse pela ausência de perturbação, ‘ataraksía’, em português: ataraxia, e não pelo regalo de um banquete, ou pelo momento de viver um grande amor, etc., por exemplo. Por isso, se a sensibilidade já não existe, quaisquer dores, também não.

Sêneca, Lúcio Aneu Sêneca (4 a. C. - 65 d. C.), se deteve também neste tema em *Sobre a brevidade da vida*, *De Brevitate Vitae*, que é a obra mais difundida do filósofo. São cartas dirigidas a Paulino (cuja identidade é controversa), nas quais o sábio discorre sobre a natureza finita da vida humana. São desenvolvidos temas como aprendizagem, amizade, livros e a morte, e, no correr das páginas, vão sendo apresentadas maneiras de prolongar a vida e livrá-la de mil futilidades que a perturbam. Escritas há quase dois mil anos, estas cartas compõem uma leitura inspiradora para todos os homens, a quem ajudam a avaliar o que é uma vida plenamente vivida.

Poderíamos ampliar com outros escritores o interesse sobre a *brevidade da vida*, como podemos ler *pari et passu, aqui e ali*, tais inquietações, como no *Carpe diem* horaciano (*Odes*, I, 11, 8), que também pode ser interpretado o quão somos minúsculo diante do curso da vida, ou seja, devemos contrapor a solicitação da exigüidade de nossa existência com a exigência da urgência da vida, por isso não se gaste o tempo com coisas inúteis ou, então, porque se deve aproveitar o prazer imediato, sem medo do futuro.

CRÍTICA LITERÁRIA I

Até mesmo tal ansiedade se reflete na busca pela imortalidade neste mesmo Poeta, como se lê no *Exegi monumentum aere perennius, Concluí um monumento mais perene do que o bronze* (*Odes*, III, 30, 1). Eis o que se segue nesta mesma página poética:

Dicar, qua uiolens obstrepit Aufidus,
Et qua pauper aquae Daunus agrestium
Regnauit populorum, ex humili potens
Princeps Aeolium carmen ad Italos
Deduxisse modos.

Dir-se-á que, vindo de onde ruge o violento Áufido,
E de onde Dauno¹, pobre de água, reinou sobre um povo agreste,
Eu que pude ficar acima de minha condição humilde,
Como pioneiro, trasladei o canto dos éolios para os ritmos latinos.
Enfim, fiquemos apenas com dois poemas

(Horácio, *Odes* I, 4 e *De rosis Nascentibus*, de Ausônio)

HORÁCIO

Quintus Horatius Flaccus (65–8 a.C.), Quinto Horácio Flaco, *dimidium animae, metade da alma* do poeta Vergílio, seu contemporâneo, e como este integrante do círculo de Mecenas, patrono de poetas e conselheiro do imperador Augusto (seu império foi de 27 a.C. – 14 d.C.). Temos de Horácio: *Odes* (4 livros); *Epodos* (17 poemas); *Sátiras* (2 livros) e *Epístolas* (2 livros), com destaque da *Epístola aos irmãos Pisões* ou *A Arte Poética*, onde Horácio debate princípios da arte literária ao longo de 476 hexâmetros.

Devido à sua sinceridade e transparência de discurso, à perfeição formal, à sua urbanidade, patriotismo, conquistou a posição de um poeta singular e marcante em todo o Ocidente.

O poema que será lido tem a seguinte métrica:

Sôluitŭr ācrās hĭēms grātā uĭcē uērĭs ēt Fāuōnĭ
Trāhŭntquē sĭccās māchĭnāe cārĭnās.

É a união de duas dimensões de versos arquioloquianos ou arquilóquios, um denominado maior – de sete pés (quatro dátilos mais

¹ As traduções são de nossa responsabilidade. Pai de Turno, rival de Enéias.

três troqueus). Podendo os três primeiros dátilos ser substituídos por espondeus. O outro denominado arquioloquiano menor, também chamado de ternário catalético (devido à supressão de uma sílaba, e às vezes duas, no fim), de dois dátilos mais uma sílaba no fim. No menor só não ocorrerá essa estrutura no verso 8 deste poema:

Vōlcānūs ārdēns uīsīt ōffīnās

Os versos de Horácio nas *Odes* são denominados logaédicos (logos, conversação). São versos trasladados dos poetas gregos Arquíloco, Safo e Alceu para a língua latina.

IV

AD SESTIUM

Soluitur acris hiems grata uice ueris et Fauoni
trahuntque siccas machinae carinas,
ac neque iam stabulis gaudet pecus aut arator igni
nec prata canis albicant pruinis.
Iam Cytherea choros ducit Venus imminente luna 5
iunctaeque Nymphis Gratiae decentes
alterno terram quatunt pede, dum grauis Cyclopum
Volcanus ardens uisit officinas.
Nunc decet aut uiridi nitidum caput impedire myrto
aut flore, terrae quem ferunt solutae; 10
nunc et in umbrosis Fauno decet immolare lucis,
seu poscat agna siue malit haedo.
Pallida Mors aequo pulsat pede pauperum tabernas
regumque turris. O beate Sesti,
uitae summa breuis spem nos uetat inchoare longam. 15
Iam te premet nox fabulaeque Manes
et domus exilis Plutonia, quo simul mearis,
nec regna uini sortiere talis
nec tenerum Lycidan mirabere, quo calet iuuentus
nunc omnis et mox uirgines tepebunt. 20

CRÍTICA LITERÁRIA I

A(O AMIGO LÚCIO) SÉSTIO

O rigoroso inverno se abranda com grato retorno da primavera e do Favônio²
E as máquinas arrastam as quilhas secas;
Então, nem o gado se contenta com os estábulos ou o lavrador com a fogueira;
Nem mesmo os prados branquejam com as alvas geadas.
Agora Vênus Citérea³ conduz os coros à luz da lua
E as Graças⁴ encantadoras, unidas às Ninfas⁵,
Batem a terra com o pé alternado, enquanto Vulcano⁶ ardente
Abrasa as penosas oficinas dos Ciclopes⁷.
Agora convém cobrir a cabeça brilhante ou com o mirto verde
Ou com flores que as terras preparadas produzem;¹⁰
Agora também convém imolar a Fauno⁸ nos bosques umbrosos,
Quer exija uma cordeira, quer prefira um cabrito.
A pálida morte bate com pé igual as choupanas do pobre
E as torres dos reis. Ó feliz Séstio,
A brevidade da vida nos impede alimentar uma longa esperança.¹⁵
Em breve a noite pesará sobre ti, os Manes⁹ da fábula
E a casa estreita de Plutão¹⁰; aonde uma vez tenhas chegado,
Não sortearás aquele rei do vinho,
Nem admirarás o gentil Lícidas¹¹, em quem toda a juventude vibra
Agora e, em seguida, as moças se inflamarão.

Esse poema pertence ao grupo denominado de odes religiosas, de inspiração pessoal. Essas suas páginas já tiveram leitura e releitura desde o Renascimento. São muitos os temas: anúncio de uma vitória, consagração de um templo, partida ou retorno de um amigo,

² Favônio, vento favorável da primavera, o zéfiro.

³ Vênus era adorada em Citérea.

⁴ Eram três: Aglae, Tália e Eufrosina.

⁵ Divindades que se ligavam à terra e à água.

⁶ Deus do fogo que forjava os raios de Júpiter.

⁷ Gigantes de um único olho na frente.

⁸ Divindade campestre.

⁹ As almas dos mortos, os deuses benevolentes.

¹⁰ Plutão, filho de Saturno, irmão de Júpiter, a quem coube o governo da parte inferior da terra, o inferno.

¹¹ Nome de homem jovem.

convite para jantar, a volta da primavera ou do outono, a natureza, a brevidade da vida...

Não há nessas odes a paixão desenfreada de Safo e Alceu ou as tempestades amorosas dos poetas romanos, como Catulo, Propércio e Tibulo, que se alinharam nesse estilo literário da poesia horaciana e elegeram uma musa em seus poemas intimistas.

O que há na lírica horaciana é a moderação, que supera as solicitações do coração e os arrebatamentos do espírito. O seu prazer não se inspira nas paixões, perturbadoras do espírito. Conduziu a marcha de sua existência, regulando a sua vida e inspiração pelo diapasão do epicurismo, sem o exagero de Lucrécio, mas respirando o ar puro de sua quinta, longe do burburinho da metrópole.

Criou uma poesia de cunho educativo, admoestando os excessos e recomendando comedimento, distanciando-se, assim, do subjetivismo e tangenciando a linha dos problemas universais do homem, como se lê na sua fonte de inspiração: a poesia lírica grega.

Encontrou ressonância no percurso de múltiplos movimentos literários.

Essa linha de questionamento universal é o que lemos, por exemplo, no heterônimo de Fernando Pessoa (Lisboa, 1888-1935), Ricardo Reis: a não esperança.

Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.

3 – Ausônio, Decimus Magnus Ausonius, 310 – 395 d.C. escreveu abundantemente em versos, mas há também obras em prosa.

Como metáfora da brevidade da vida humana, temos a breve vida da rosa *e se o tempo, que tudo desbarata, / secar as frescas rosas sem colhê-las*; a breve vida das rosas circulou como tema por muitas épocas até chegar em Luís Vaz de Camões (1524 - 1580), passagem esta retirada do soneto, cujo primeiro verso é *Se as penas que por vós, donzela ingrata.*

CRÍTICA LITERÁRIA I

Por isso, associamos ao poema horaciano uma poesia de Ausônio, já que *Collige, virgo, rosas* se tornou antológico:

De rosis Nascentibus
Mirabar celerem fugitiua aetate rapinam
Et dum nascuntur consenuisse rosas:
Ecce et defluxit rutili coma punica floris
Dum loquor, et tellus tecta rubore micat.
Tot species tantosque ortus uariosque nouatus
Una dies aperit, conficit ipsa dies
Conquerimur, natura, breuis quod gratia talis;
Ostenta oculis illico dona rapis
Quam longa una dies aetas tam longa rosarum;
Cum pubescenti juncta senecta breuis
Quam modo nascentem rutilus conspexit Eous
Hanc rediens sero uespere uidit anum.
Sed bene, quod paucis licet interitura diebus
Succedens aeuum prorogat ipsa suum.
Collige, uirgo, rosas, dum flos nouus et nova pubes
Et memor esto aeuum sic properare tuum.

O Nascimento das Rosas

Eu via a rápida pilhagem do tempo fugidío
E, apenas nascidas, as rosas envelheciam:
E eis que se desfaz a rútila cabeleira da flor vermelha,
Enquanto falo, o chão brilha coberto com rubro.
Tantas formas, tantos nascimentos e mudanças
Num só dia aparecem e nesse dia terminam.
Queixamo-nos, natureza, da brevidade de tanta beleza;
Logo arrebatas aos nossos olhos os dons ofertados.
A idade das rosas é longa o quanto dura um só dia;
A sua velhice se junta rápida à adolescência
Tanto quanto nascendo contempla o brilho da manhã,
Observa-a, envelhecida, voltando ao fim da tarde.
Pior, o que é lícito em alguns momentos na sua
Decrepitude, prolonga-lhe com sua luz a existência.
Colhe, virgem, as rosas, enquanto a flor é nova e nova a tua adolescência
E lembra-te de que assim também se apressa a tua vida.

Não goza Ausônio de um conceito muito elevado na história literária. Ettore Paratore (1983) confirma atribuição a ele da poesia lida, do seguinte modo: *De Rosis Nascentibus, que talvez seja superior a tudo aquilo que é de indubitável paternidade ausoniana.*

Entre egípcios, hebreus e gregos, as primeiras manifestações líricas se restringiram às práticas religiosas. Devemos acrescentar que o termo lírico está ligado à lira, instrumento musical de cordas, por essa razão, inicialmente na Grécia do século VII a.C., estava as-

sociado à música, dança e ao canto. Mas ainda na Grécia do século VII a. C., em Roma, que lhe assimilou a literatura, o poema lírico passa a ser também declamado, com ênfase no aspecto estético. Nem mesmo assim, o aspecto de musicalidade há de se desvincular do lírico, nem em Roma, no Renascimento ou em múltiplos outros momentos históricos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, J. de S. *O lirismo: de Sólon a Cartola*. Apostila.
- CIVITA, Victor. *Antologia de textos*. (Os pensadores). Vários tradutores. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- CRUSIUS, Federico. *Iniciación em la métrica latina*. Versão e adaptação de Ángeles Roda. Barcelona: Bosch, 1951.
- HUMBERT, Jules. *Histoire illustrée de la littérature latine*. Paris: Didier, s/d.
- GOUAST, René. *Anthologie de la poésie latine: des origines au Moyen Âge*.
- LUPTON, J. H. *An Introduction to Latin Lyric Verse Composition*. London: Macmillan, 1967.
- OEUVRES D'HORACE. Par F. Plessis et P. Lejay. Paris: Hachette, 1966.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Tradução de Manuel Losa, S. J. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
- SPALDING, T.O. *Pequeno dicionário de literatura latina*. S. Paulo: Cultrix, 1958.